

CINCO CARTAS DE AMOR DE UM SODOMITA PORTUGUÊS DO SÉCULO XVII

Luiz Mott

Dept.º de Antropologia da
Universidade Federal da Bahia

I. Introdução

“É tão péssimo e horrendo o crime de sodomia, e tão contra a ordem da natureza e indigno de ser nomeado, que se chama nefando, que é o mesmo que pecado, em que se não pode falar, quanto mais cometer!” Considerada além de pecado, crime igual ao de lesa majestade, a sodomia nos países onde existia o Tribunal da Inquisição, era também proibida de ser objeto de discurso, seja oral, seja escrito. Escrever sobre o nefando, somente para anatematizá-lo!

Se na Europa extra-inquisitorial, como na Inglaterra, por exemplo, chegou a existir uma literatura satírica, poética e dramática que abordava temas homossexuais — de Ganimedes ao escândalo da vida e morte do Bispo Atherton² — em Portugal e na Espanha, a censura inquisitorial jamais permitiu qualquer publicação outra que tratasse da sodomia senão na qualidade de *nefandum peccatum*, causador de pestes, inundações, terremotos e mais calamidades, conforme vaticinava a pena intolerante dos teólogos moralistas lusitanos³. Os inquisidores deviam engolir com dificuldade a existência no Cancioneiro Medieval português das famosas “canções de amigo” onde o *coitus per anum* é referido diversas vezes com bastante naturalidade⁴.

Após oito meses de leitura de milhares de documentos (processos e denúncias) relativos aos sodomitas, arquivados na Torre do Tombo, incluindo a documentação das Inquisições de Lisboa, Évora, Coimbra e Goa, somos levados a concluir que a política repressora do “terrível tribunal”⁵ estava longe de ser homogênea: embora os Regimen-

1. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, feitas e ordenadas pelo Ilm.º e Revd.º Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, Lisboa, 1720, § 958.
2. Alan Bray, *Homosexuality in Renaissance England*, London, Gay Men's Press, 1982.
3. Frei Antonio de Sousa, O.P. *Aphorismi Inquisitorum*, Lisboa, Of. Borde, 1669 D. Rodrigo da Cunha, *Tractatus de Confessoris Solicitantibus*, Lisboa, Of. Rueda, 1620.
4. *Cancioneiro Português da Vaticana*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878. *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, volume VI. n.º 1252, 1267, 1505, 1530.
5. Antonio J. Moura e José L. D. Mendonça, *História dos Principais actos e Procedimentos da Inquisição em Portugal*, Lisboa, Biblioteca de Autores Portugueses, 1980.

tos do Santo Ofício ordenassem a prisão dos suspeitos de sodomia com apenas duas delações, e caso se comprovassem a consumação de dois atos completos— *pene-tratio cum seminis effusione* — poderiam os réus ser entregues à justiça secular para serem queimados, no mais das vezes, os Inquisidores agiam mais com “misericórdia” do que com “justiça”, os dois lemas e alicerces do Santo Tribunal. O principal alvo dos Inquisidores, sem a menor dúvida, eram os judeus e hereges: os demais crimes (bigamia, sodomia, bestialismo, feitiçaria) não chegam a representar 20% do total dos processos deste famigerado tribunal religioso.

Vejam, à guisa de familiarizar o leitor com este universo inquisitorial português, alguns números: nos dois *Repertórios do Nefando* (livros onde em ordem alfabética constava os nomes de todos os denunciados e/ou confessados pelo crime de sodomia), entre os anos 1587-1794 constam um total de 4.419 homens envolvidos e denunciados por sodomia. Destes, até o presente, localizamos 447 sodomitas que foram efetivamente processados. Quer dizer: somente 10% dos sujeitos no crime nefando foram presos e julgados. Destes infelizes, tão somente 30 foram queimados pelo abominável pecado de sodomia: portanto, menos de 1% dos denunciados receberam a pena capital. Comparados com os 300 mil homossexuais assassinados nos campos de concentração no Nazismo, representam apenas uma gota de sangue!

A lei, tanto civil, quanto religiosa, era severíssima; a prática no entanto, demonstrou ser bastante tolerante. Houve épocas que a “ousadia” dos “fanchonos” (nome popular como eram conhecidos os homossexuais, máxime os mais efeminados) sobretudo em Lisboa, era tão grande, que chegaram a existir não longe dos cárceres terríveis da Inquisição, diversas hospedarias procuradas predominantemente por casais homossexuais; havia casas de baile nas imediações do Rocio — o centro da Capital do Reino — que eram conhecidas como “a dança dos fanchonos”, onde rapazes dançavam vestidos de mulher e com forte maquiagem; travestis percorriam ruas e casas não apenas de Lisboa mas inclusive a zona rural; mais de um sodomita trazia apostado a seu nome de batismo o denominativo identificador de suas preferências homossexuais, como um tal “Rafael Fanchono” e um “Manoel Maricas”, este último, vendeiro de frutas em Coimbra. Ousadia maior aparece diversas vezes documentada nos processos: “somitigos” que seduziram homossexualmente os temíveis funcionários e carcereiros da própria Inquisição, que chegaram a transar sexualmente nos muros exteriores e até dentro dos cárceres do Santo Tribunal! O século XVII, de fato, foi a idade de ouro do homossexualismo em Portugal: também, se até el Rei D. Afonso VI (1656-1683) era infamado de praticar o nefando⁹¹



Apesar da proibição legal e temor incrementado sobretudo em certos períodos da “caça aos sodomitas”, o certo é que no mundo português (incluindo além do Reino, as colônias na África, Oriente e América), o abominável pecado foi muito praticado, sendo tema de muita conversação e inclusive de alguns escritos. Assim, tivemos a alegria de encontrar no meio dos milhares de manuscritos relativos aos sodomitas denunciados às Inquisições de Portugal um conjunto de cinco cartas escritas por um sodomita, que constituem o tema central deste artigo.

Se as cartas de amor de enamorados heterossexuais dos séculos passados são documentação bastante rara⁷, as cartas de amor de enamorados homossexuais são ainda peças muito mais extraordinárias. Salvo erro, estas cinco cartas do século XVII são o mais antigo documento do gênero até então conhecido: as duas cartas de Jeffrey Withers para Jim Hammond, da Carolina do Sul, datam de 1826⁸, outras cartas conhecidas de gays são do final do século XIX⁹.

II. Os personagens

As cinco cartas foram escritas por *Francisco Correa Netto* na Quaresma de 1664. Infelizmente pouca coisa sabemos sobre a biografia deste sodomita. Era sacristão da Sé da cidade de Silves, no sul de Portugal. Quem o denunciou à Inquisição de Évora (circunscrição à qual pertencia Silves) foi o Vigário Padre Manuel Luiz Coelho, que no dia 29 de março de 1664 disse ter recebido as cinco cartas do próprio amante-destinatário do sodomita, Manoel Viegas. Num ofício enviado ao Comissário (espião) da Inquisição de Évora, diz o sacerdote: “Está nesta cidade um somitigo encuberto há muito tempo e agora quiz Deus se descubrisse...”

Silves, hoje com menos de dez mil habitantes, é uma pequena cidade do Algarve meridional, que até o século XII foi a capital dos Mouros quando dominavam a região — chamava-se “Xelb”. Até hoje conserva os poços e cisternas d’água construídos pelos árabes. Sua catedral gótica — a Sé onde nosso sodomita era Sacristão — é considerada como um dos monumentos religiosos mais interessantes do Algarve: data do século XIII. Ai foi enterrado em 1495 D. João II, o mesmo Rei que em vida dissera que “menos mal havia a um Rei ser puto do que ser mandado...”¹⁰, aliás, vários descendentes seus, também de cabeça coroadada, cumpriram a profecia.

A respeito do Sacristão Francisco Correa Netto sabemos também que era infamado de ter “um quarto de judeu no sangue”, pois ao se proceder às diligências canônicas para sua habilitação às Ordens Menores, “ele buscava testemunhas da terra que não conheceram seus avós” a fim de evitar a identificação de sua ascendência hebréia. Além de “sodomita encuberto” o vigário-delator acrescentando ao sacristão a suspeita de “cristão novo” tornava-o, sem dúvida, duplamente vulnerável. Infeliz sacristão: seu delator acusa-o ainda de um terceiro crime do conhecimento da Inquisição — era infamado publicamente de ter “dado uma bolsa com uma hóstia consagrada e uns corporais a um outro homem”, crime que se comprovada a intenção sacrilega do autor, poderia levá-lo à fogueira, como prescrevia documento papal. Nesta época, e nos séculos subsequentes, trazer uma “bolsa de mandinga” ou “patuá” contendo além de orações fortes, amuletos etc e sobretudo uma partícula consagrada, era garantia de ter-se o corpo fechado contra armas de fogo e ferro, prática que foi diligentemente perseguida pelos zelosos defensores da ortodoxia católica.

6. Asdrúbal A. D’Aguiar, “Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa”, *Separata do Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. XI, 1926:504

7. Jean-L. Flandrin, *Les Amours Paysannes*, (XVIè-XIXè siècle), Paris, Gallimard, 1975.

8. Martin B. Duberman, “Writing Bedfellows: 1826 two young men from antebellum South Carolina’s ruling elite share extravagant delight”, *Journal of Homosexuality*, vol. 6 (1/2), Fall-Winter 1980/81.

9. Jonathan Katz, *Gay American History*, New York, Avon Books, 1976.

10. A.A. D’Aguiar, *op.cit.* :505

Pelas suas cartas, podemos concluir que Francisco Correa Netto tivera pouca instrução escolar: seu estilo é ingênuo e coloquial; sua caligrafia, garranchosa. Gosta muito de citar provérbios. Diz o vigário que testemunhas fidedignas, como o Alcaide de Silves, outro sacerdote e diversos moradores, estariam dispostos a jurar perante os Santos Evangelhos, que o Sacristão era infamado publicamente de ser sodomita. Seu cargo de sacristão devia proporcionar-lhe bons rendimentos, pois presenteia com munificência seu amante. Sua relação com Manuel Viegas é fortemente marcada pela prestação de dádivas, quase por um "suborno afetivo": em todas as cartas há referência a dádivas que o sacristão prometia ou enviava para seu amante. Sua relação é fortemente marcada também pela divisão sexual de papéis: Francisco Correa Netto numa das epístolas se auto-intitula "Francisquinha", e certa feita usa o feminino para dizer que estava "descansada" quanto à reciprocidade afetiva de seu homem. Aliás, o padre delator escrevia: "Advirto que o Sacristão é o que havia de ser o paciente, conforme se manifesta nos seus escritos". A utilização de nomes femininos entre sodomitas lusitanos era prática bastante comum sobretudo a partir do século XVII: no processo do Padre João de Mendonça da Maia", ficamos sabendo que vários rapazes e homens adultos que frequentavam sua casa se tratavam por nomes de mulher, como "A Turca", "A Fajarda", "A Bugia da Alemanha", "A Galega", e o próprio anfitrião era chamado de "A Arquisinagoga". Outros dois sacerdotes ficaram famosos na história com os nomes de "Isabel do Porto" e "Paula de Lisboa", ambos processados pelo nefando pecado.

Quanto ao amante, Manoel Viegas, sabemos que era natural de Silves, violeiro e também construtor de instrumentos musicais. Bissexual, ostenta sua masculinidade frequentando diversas mulheres da região, e publicando ostensivamente sua relação com "o infame somitigo". Vilão e ingrato — apesar de ter presenteado a "Francisquinha" com um anel — denuncia-o ao Vigário, entregando-lhe as cartas que seu amante lhe enviara, cartas que para a felicidade do historiador, se conservaram até hoje no interior do *Caderno do Nefando* da Inquisição de Évora, na Torre do Tombo (Livro II, 143-5-26).

A denúncia contra Francisco Correa Netto, mesmo acompanhada de seus comprometedores escritos de amor, foi considerada irrelevante para os Inquisidores: nada fizeram contra o "somitigo encoberto". Para se prender um sodomita necessitava-se diversas denúncias e a informação de que o "réu" era devasso no crime nefando. Apesar do vigário-delator demonstrar piedoso escândalo e zelo espiritual, sugerindo aos Inquisidores que "importa pôr logo modo nestas cousas e ver o que isto é, e seja logo, antes que se cumpra mais alguma coisa", o certo é que o Santo Ofício simplesmente arquivou a denúncia, para felicidade do sodomita e desconsolo de seu amante mau-caráter e do sacerdote homófobo.

III. Os documentos

(As palavras ilegíveis ou duvidosas estão entre parênteses com uma interrogação. Alguns trechos das cartas são incompreensíveis ou de difícil entendimento: a culpa é do próprio signatário pouco letrado. A ortografia e pontuação foram atualizadas. Como nenhuma carta é datada nem numerada, ordenâmo-las de acordo com suposto encadernamento de eventos. Nos "comentários" o leitor encontrará alguns esclarecimentos que o auxiliarão a melhor entender certas passagens nebulosas das cinco cartas.)

1.ª Carta

“Senhor Manoel Viegas:

Se os homens dormem comigo, não é por ter cono: metem o caralho entre as pernas, e aí fazem sua vontade. Eu..., não me vem nada!

Se Vossa Mercê quizer o mesmo, me tendes a seu serviço, a quem protesto servir até a morte, e dar o necessário, que as perdas são minhas.

Francisco Correa Netto”



Não resta dúvida que o sacristão Francisco Correa Netto foi corajoso demais de oferecer tão explicitamente, por escrito, seus serviços homoeróticos ao Senhor Manoel Viegas, pois caso não fossem aceitos, este bilhete poderia ser um trunfo perigosíssimo em mão inimiga. A simplicidade do estilo e sua falta de cerimônias na oferta do prazer sexual parecem contrastar com o tratamento pomposo de “Vossa Mercê” — contudo, tal tratamento era bastante usual na língua portuguesa dos séculos passados, inclusive em conversação entre iguais na própria alcova. O ato sexual “entre as pernas” era igualmente bastante comum entre os sodomitas nos tempos inquisitoriais, artifício erótico usado pelos “fanchonos” para burlar o espírito da lei canônica, que criminalizava apenas a “sodomia completa”, considerando a “punheta” e a “coxeta” (masturbação e fricção do membro viril *intra femura*, isto é, entre as pernas) como “pecados de molície” e não “perfeita sodomia”. Pecado sim, mas não crime. A declaração do sacristão “não me vem nada” pode ser entendida como falta de ereção e/ou ejaculação no ato sexual, aliás, fenômeno registrado em outros processos de sodomitas pseudo-hermafroditas, como no já citado *Padre Paula de Lisboa*, cujos parceiros sexuais declararam *una voce* que nunca viram o membro viril do sacerdote quando faziam a “coxeta” não obstante terem os médicos e o cirurgião da Inquisição testemunhado que o referido clérigo “nada tinha do sexo feminino”¹². O ideal do “amor eterno” e a mística da prestação de serviços, elementos tão associados ao universo feminino tanto da cristandade

quanto do islão, transparecem nesta primeira mensagem do sodomita para seu futuro amante: a oferta da doação do necessário sustento ao “noivo” seria talvez um arremedo do dote que as mulheres traziam obrigatoriamente na fundação de um consórcio matrimonial, prática tradicional em Portugal desde a Idade Média¹³.

Este primeiro bilhete do sacristão surtiu efeito, pois o violeiro aceita, ao menos em parte, as propostas do estabelecimento de uma relação. Junto a esta missiva, escreveu o vigário-delator o seguinte: “Este escrito diz à parte, que foi feito diante do Santíssimo

11. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Inquisição de Lisboa, n.º 5007.

12. ANTT, Inquisição de Lisboa, n.º 7622.

13. A.H. Oliveira Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1971:117.

Sacramento". Na perspectiva do clérigo, um sacrilégio agravante; para o sacristão apaixonado, talvez uma estratégia devota para garantir a proteção celeste a seu novo amor. Aliás, tudo faz crer que não havia conflito de consciência entre sua fé em Deus e seu amor homoerótico, posto que nas outras cartas mais de uma vez há de recorrer a Nosso Senhor, ou aos Céus pedindo que protejam seu amante.

2ª Carta

"Cuidados e Prenda minha e saudades de meu sentido e descanso de meu pensamento donde sempre está desvelado, o qual poderia manifestar o muito que te quer e te ama!

Já não terei descanso nem espero de o ter, pois vejo que nem com duas regras te serves deste penhor, que o coração feriste e mataste, o qual nunca sára solto nem desvelado de tua afeição.

Amante e Prenda minha: se o meu sentido não descansa uma hora, nem de noite nem de dia, sem estar representando tua companhia e tuas doces palavras que na memória trago de continuo retratadas.

Espelho de minha vista e alegria: pelo que te mereço, me descansa este meu coração com uma nova que recebi esta noite, que foi segunda-feira: que te foste desposar com uma sobrinha de Francisco Luiz. Bem dizia eu que pela Páscoa houveras de ser noivo, e tu aplicavas mais vezes, pois tinhas dado tua palavra de o ser. Seja como quiseses: nem por isso hei de deixar de te fazer o que puder a seu serviço. E lembrando-me de teus abraços e um beijo que me deste, que é o que mais me atormenta! E bem puderas conhecer este sujeito, para lhe dares o coração da barguilha, que só ele me quiz bem, e tinha vontade de sair. Para ele não havia Quaresma, pois mal lhe tocava com os dedos, já se alevantava! E tu, tão mal, que não quizesse lhe fazer a vontade!

Adeus, meu bem e alegria, minha afeição verdadeira!

Meu pensamento é que, ainda que casastes, não hás de deixar de cumprir tua palavra de seres noivo com Francisquinha de teu desvelo. O que a mim me parece, a Manoel da Costa deste conta: que se fosse acompanhar e a teus cuidados, não logo (tu) apareces, (pois) não fazes causa deles, e tudo era folhagem. Aí vai papel para responder: não tem agora desculpa para não escrever, à mingua de papel de resposta".

A introdução desta carta é a mais candente de todas. Francisco Correa Netto estava perdidamente apaixonado pelo violeiro, seu fogo atizado pelo beijo e abraços que recebera de seu novo amante. Tinha prova que seu "homem" também se interessava sexualmente por si, apesar de não ter chegado ao que desejava e tinha de antemão oferecido — a "coxeta". Pudibundo e poético evita o termo popular "caralho" — aliás, termo corrente até hoje tanto em Portugal como no Brasil — para eufemisticamente referir-se ao

pênis ereto de Manoel Viegas como "coração da barguilha", que sempre "alevantado", não respeitava nem o resguardo e abstinência do tempo quaresmal, apesar de não ter sido feita sua vontade: hélas! Contudo, como repetirá também noutra carta o esperançoso sodomita, "quem mais ama, menos merece"... e logo nesta segunda carta começam seus queixumes e calvários: recebera a notícia que seu amante iria se casar! Sentindo-se incapaz de ser a dona exclusiva do coração polígamo de seu violeiro, "Francisquinha" aceita compartilhá-lo com outra mulher, resignação tradicional a que deviam sujeitar-se as mulheres nesta zona algarvia onde a poliginia islâmica oficial e o concubinato poligínico cristão dominaram fortemente na configuração da estrutura familiar e afetiva local. No fim da carta, a suspeita de que as manifestações favoráveis do amante não passavam de "folhagem", isto é, quimeras e falsidades, e a opção pela estratégia de ficar na espera que o amante tomasse a iniciativa de procurá-lo: "se fosse acompanhar e a teus cuidados, não logo aparece". O comentário do Vigário-delator a esta carta revela mais uma vez sua forte e irônica homofobia: "Veja-se a cegueira do puto do somitigo! Essa é boa! E como está piedoso neste escrito..." A expressão "puto do somitigo" sugere a reprovação do clérigo não apenas à homossexualidade, mas também à prostituição, embora esta última não fosse crime do conhecimento do Santo Ofício.

3ª Carta

"Manoel Viegas:

Nosso Senhor vos deixe viver por felizes anos como desejais!

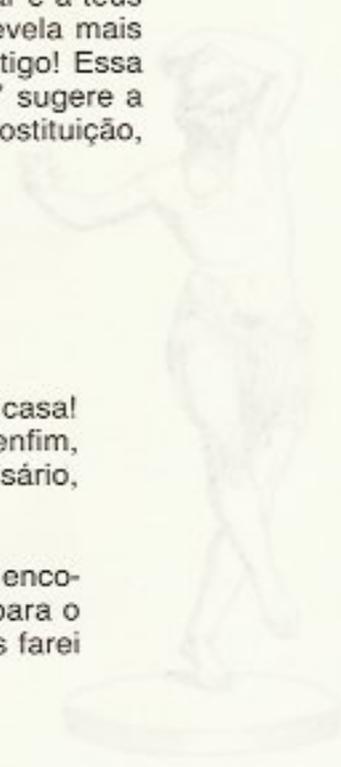
Eu não era negro para dizeres em público que não fosse à vossa casa! Se o queria dizer, fizera um escrito ou chamara à parte e o dissera. Mas enfim, nem por isso hei de ser seu inimigo, e se vos for alguma coisa necessário, me avisareis por escrito.

Mandei ensaboar a volta para engomar. Vai à casa de Matias Araujo encomendar uns sapatos. E do que tenho prometido, tudo lhe hei de dar. E para o noivo, trinta alqueires de trigo. E os escritos meus, rasgue, que dos seus farei o mesmo. Faça-me uma viola da sua mão, que lha quero pagar.

O céu vos guarde os anos de vosso desejo, amigo.

Francisco Correa Netto".

Apesar de ter sido publicamente humilhado, o sacristão não desiste: reforça suas ofertas, na esperança de dobrar o amante com dádivas. Trinta alqueires de trigo equivalem a cinco sacos de cereal, (300 quilos!) quantia suficiente para alimentar durante um ano uma família de quatro pessoas! E se lembrarmos que no Algarve a produção deste grão nem sempre era suficiente para o consumo regional, devendo ser importado de outras áreas mais irrigadas, a oferta de cinco sacos de trigo representava um verdadeiro dote matrimonial de uma noiva camponesa. Já nesta carta começa a preocupação do sacristão que seus escritos pudessem vir a prejudicá-lo: pede que os rasgue. Certamente desconfiava que seu amante, tão infiel e mulherengo, não merecia confiança, suspeita aliás, que os fatos comprovarão que era bem fundada.



“Falso e Traidor!

Falso enganado amor! Com que palavras manifestarei este sentimento? Depois da partida de Vossa Mercê, me veio a notícia (anunciando-me) que Vossa Mercê tinha intento de possuir a Maria Nunes, por quem se assim não encobre, nem os encubrira a mim, dizendo que Vossa Mercê lhe dera uma conta de (almíscar?) e um papel de alfinetes, e que lhe queria muito. E indo eu à casa do sapateiro consertar uns sapatos, viemos a falar em biscoito, e em que ela disse que Vossa Mercê lhe dera um pequeno de biscoito e a Maria Nunes (disse) que não havia outra perfeição como aquela. Logo se parece o amor de Vossa Mercê tem a ela, por quem vem de casa de seus amantes e trás mimos dizendo que era para meter na caixa.



Triste foi a minha sorte, pois tendo a Vossa Mercê, cuidei que estava descansada: eu tive males dobrados! Melhor me fora morrer mil vezes que possuir desgostos que agora me fazem assuntar (os) que eu fazia a alguma pessoa em algum tempo. Mas enfim: se ela anda dando com a língua nos dentes, que tanto que (o anel que me destes de) lembrança me viu no dedo, quiz aquele coração de Vossa Mercês estalar dentro (do peito), até que me desculpei que eu tinha mercado (o anel) com V.M., que esperava em Deus dos anéis serem seus. Se V.M. me deixou o coração assediado, bem se manifesta nas lágrimas e sentimentos causados por essa pessoa: que quando ver a quem quer, bem triste e com ciúmes, então anda V.M. mais alegre! Bem dizem no ditado, que o mel faz por onde o lembram... assim hei de ser eu com V.M., em que V.M. se dará pouco (caso), pois quem muitos tem, à algum há de agravar, e fui eu (o agravado), pois tinha a V.M. tanto amor, que só em o ver não comia, com alegria. O certo é: quem mais ama, menos merece! Eu deitarei o coração ao largo, e porei os olhos no chão quando passar por Vossa Mercê.

O céu guarde Vossa Mercê para suas duas queridas!”

Essa missiva é um desabafo de quem foi várias vezes ferido no seu amor próprio — os finos biscoitos que dera ao violeiro, quem os saboreou foi uma de suas concorrentes, a amante de seu “noivo”! Nova estratégia do sodomita: indiferença, para ver se o amante sente falta das doçuras do mel. No final da carta, realista, reconhece-se vencido: irônico, pede proteção celeste para as duas enamoradas de seu violeiro infiel: “triste foi a minha sorte!” Patenteia-se a tirania e maldade de suas concorrentes que maliciosamente comentam atitudes de Manoel Viegas, “falso e traidor”, certamente com o intuito de ferir o coração e provocar ciúmes no “sacristão fancho”, que sendo infamado publicamente de “somitigo”, seguramente devia provocar suspeitas em tais mulheres de que mantinha algum tipo de relação com o disputado violeiro. Suspeitas, aliás, confirmadas pelo próprio bissexual que “publicamente” comentava os assédios perpetrados pelo sacristão.

5ª Carta

“Falso e Lisonjeiro:

Se eu houvera de ter sentimento de tanta zombaria, escárnio que fazes de quem o sentido trazia nessa pessoa! Mas enfim, quem mais ama, menos merece! Para mim não nasceu mais que lágrimas, essas causadas por ti e por muitas saias. Já o quiz eu o ter. Por muitas vezes, lhe tendo mandado dizer que de mim não faça causa, por que deixa de vir jantar à casa para jantar com suas comadres, e mandar (me) escritos de mentira. Elas me tomaram ciúmes porque trazia o anel alheio. (Disseram) que o desse a seu dono. Aí está (o anel), que cousa sua não quero. Os seus escritos todos queimei por não ter outra cousa sua em meu poder. Faça assim (com) os meus, que levarei grande gosto. Não me fale, nem para mim olhe o senhor.

Encaminho o anel para amparo e alegria de suas comadres”.

A última carta é gota d'água: chega de zombarias, humilhações, lágrimas e falsas esperanças! O Sr. Manoel Viegas, de “Vossa Mercê”, “Prenda Minha”, “Espelho de minha vista e alegria”, passa a ser tratado por “falso e traidor”, “Falso e lisonjeiro” (adulador). Cena final: devolve o anel, queima as cartas do amante (hélas para os historiadores!) e corta relações com o violeiro. Sua explicação para o fracasso: “as muitas saias”, as comadres de seu mulherengo violeiro. Reforça o pedido para a destruição de suas cartas, premido do medo de que pudessem vir a ser usadas contra si. Previsão, aliás, que se cumpriu: vingativo ou talvez temeroso e prudente, Manoel Viegas entrega as cinco cartas (eram seis e diz que perdera uma delas) ao vigário de Silves: o denunciante, mesmo que cúmplice, sempre merecia indulgência pela sua delação.

Além destas cinco cartas, encontramos mais seis cartas inéditas escritas por um frade-corista do Convento dos Jerônimos de Lisboa, para outro religioso famoso pregador, que durante um ano mantiveram intensa relação homoerótica (1690). Embora mais longas, instrutivas, eruditas e românticas, tais cartas revelam em comum o mesmo forte sentimento e paixão homossexual que levava certos sodomitas ao perigoso risco de escreverem sobre seus sentimentos proibidos. Digno de nota é o fato de que nestas duas coleções de cartas de amor aparecem em comum bem distinguíveis dois elementos: a imagem do “coração estalando dentro do peito” que obrigou compulsiva e perigosamente tanto ao sacristão, quanto ao frade-corista, a escreverem sobre seus sentimentos nefandos; e o sentimento várias vezes repetido do perigo que representava tais escritos, donde o pedido repetido por ambos apaixonados que os destinatários destruíssem as cartas, precaução não cumprida e maquiavelicamente utilizada pelos amantes traidores. Em ambos os casos, o amor, a atração sexual, a ternura aparecem impregnados pelo temor da divulgação de seu amor proibido. Mesmo assim, a coragem e determinação sublime dos amantes apaixonados falou mais alto: “o amor foi mais forte que (o temor) da morte”...

O Autor agradece ao Conselho Nacional de Pesquisas (Brasília, DF) a bolsa de estudos que permitiu a coleta do material deste artigo. Colaborou na cópia dos documentos e discussão deste artigo o licenciado Aroldo Assunção, a quem debito minha gratidão.